

GRESV ROSA VERMELHA 2026

Auto Xipuara – A pândega do boi tupinambarana.

INTRODUÇÃO

A Roseira nasceu do sonho de três apaixonados pelo samba e pelo boi-bumbá. Foi criada para homenagear a nossa maior paixão: o Boi Garantido. No começo, eu, Victor Farias, junto com Alexandre Garcia e Mateus da Rosa, não sonhávamos com mais que um desfile. Queríamos apenas reverenciar o nosso boi e o mestre versador Lindolfo Monteverde, criador do garrote amado.

Mas o destino nos surpreendeu. Fomos apadrinhados por João Batista Monteverde (em memória) e por Maria do Carmo Monteverde, filhos de Lindolfo. E mais: recebemos deles a benção de São João Batista. Para alguns, um gesto singelo. Para nós, a pedra fundamental de todo o folclore que une os Bumbás Garantido e Caprichoso.

O tempo passou e muitas histórias contamos. Sempre guiados pelo sentimento caboclo, amazônico, que pulsa dentro de nós. Também somos perrechês da Baixa da Xanda — ainda que por desejo, ou alma. Nossa escola é encarnada, mas em 2026 pintaremos estandartes de azul caprichado, penduraremos bandeirinhas verde e amarelo campineiro, fitas verdes e enfeites galantes.

Porque o folclore é isso: a arte do povo recriar a vida e encontrar na brincadeira a felicidade de cantar. A rivalidade das cores existe, mas se rende diante da alegria do povo que brilha unido na festa.

O boi de Parintins nasce da história de Francisco e Catirina, mas cresce com cada personagem da cultura e da memória amazônica. E a Rosa Vermelha, como movimento cultural e folclórico digital, mergulha nas águas do folclore xipuara para exaltar Catirina, Francisco, Gazumbá e todo o mito do boi mais bonito da fazenda.

PROPOSTA

A Roseira é filha da celebração cabocla. Nasceu do encanto pelo boi de São João, trazendo no coração a missão de carnavalizar e folclorear a simplicidade cabocla em cores, cantos e acordes.

Para 2026, nossa proposta é um mergulho profundo nas águas da emoção parintinense. Um mergulho que nos conduz não apenas como criadores de conteúdo cultural e folclórico digital, mas como guardiões de uma memória viva que pulsa no imaginário coletivo.

É a travessia por histórias, lendas e sentimentos de um povo que celebra a vida no batuque da tradição. Um povo que transforma o curuatá em folguedo junino, que dá voz e corpo a Catirinas e Franciscos, que reinventa o riso nos Gazumbás, que evoca a ancestralidade em Pajés, e que faz brilhar a ternura nas sinhazinhas e nos amos.

Como já escreveu Thiago de Mello, *“fazer o canto do povo soar como o canto da vida”* é missão de quem cria com o coração amazônico. Assim, nosso enredo reafirma

que o folclore, quando reinventado em festa, transcende o tempo e a rivalidade das cores, para se tornar poesia coletiva — simples, alegre e eterna.

BRIEFING

A Pândega Xipuara é mais que uma festa: é a grande celebração da criatividade popular, onde a vida se refaz em alegria, música e cor. Nosso desfile nasce dessa essência, inspirado nas toadas que carregam leveza, romance e felicidade — simples como o povo que canta, profundas como a alma que folcloreia.

Conceito Visual

As fantasias e alegorias buscam inspiração na arte popular parintinense do final do século XIX e início do século XX, marcada pela simplicidade criativa: retalhos coloridos, palhas, fitas, flores, estandartes, lamparinas e porongas. Cenários lúdicos de parede de taipa, madeiras, palafitas, mocambos e o curral. Elementos que, juntos, transformam o humilde em grandioso, dando vida a uma estética leve, vibrante e genuinamente popular.

Conceito Musical

O samba, aqui, é como a toada: parte fundamental da narrativa. Ele assume a função de um auto popular — cantado, rimado, simples e poético — capaz de traduzir em versos a essência de brincar a vida, de folclorear a existência.

Essência do Projeto

Mais que um desfile, queremos um mergulho no espírito amazônico, onde o popular se torna arte, e a arte se torna festa. A rivalidade cede lugar à celebração, e o simples se transforma em poesia.

SETORIZAÇÃO

1 Setor – A fazenda e a paixão da sinhazinha

2 Setor – O curral e o desejo de Catirina

3 Setor – O mocambo e encanto do pajé

4 Setor – A rua e a celebração do povo

5 Setor – A ilha e a magia da festa

SINOPSE

1 Setor – A fazenda e a paixão da sinhazinha

Na fazenda o sol desponta,
O galo canta, o dia aponta,
Lá no pasto, de mansinho,
Vem o boi pelo caminho.

Tem aboio do vaqueiro,
Tem sorriso, tem cantiga,

Cada passo é um encanto,
Cada olhar desperta um canto.

O quintal virou brinquedo,
O terreiro é puro enredo.
Tocam caixas, maracás,
Dançam folhas, giram paz,

A fazenda é fantasia,
Colorida de alegria.
Pra felicidade do amo
O boi pula, roda e brilha,

Parece estrela em família,
A sinhazinha se encanta,
Canta, ri, se adianta:

“Meu boi tem perfume de flor,
Meu boi é puro amor!
Ele vive, ele reluz,
Meu boi é bênção, é luz!”

2 Setor – O curral e o desejo de Catirina

lá no canto do curral,
vive o povo sem igual.
Tem caboclo, tem vaqueiro,
tem o riso verdadeiro,

vem Catirina e Francisco,
Catirina, de barrigão,
cheia de desejo e paixão,
olha o boi lá no terreiro,
tão bonito e faceiro.

“Francisco, meu bem amado,
traz um gosto temperado,
tenho um sonho, uma vontade,
que me rói de ansiedade!”

“Que é, mulher, que te aperta?”

“É vontade que não quieta...
quero a língua do boi mimoso,
do boi mais lindo e garboso!”

Pai Francisco arregalou,
coçou a barba e pensou,

“Se é desejo de mulher,
é coisa que Deus quer!”

E na noite enlutarada,
com a alma amedrontada,
ele vai ao pasto, aflito,
faz o feito, faz o delito.

O boi cai, a terra geme,
a várzea inteira treme,
morre o boi tão reluzente,
que era orgulho dessa gente.

Chora o povo do curral,
chora o amo pelo animal,
chora a sinhazinha da fazenda,
que em tristeza se emenda.

Catirina se arrepende,
e Francisco se defende,

“Foi por amor e desvelo,
pela vida, pelo anelo!”

Mas o povo, em compaixão,
chama o médico em razão
chama a padre de fé,
chama o pajé do igarapé.

sobre a várzea que se inflama,
o tambor pede perdão,
pra curar o coração.

3 Setor – O mocambo e encanto do pajé

No terreiro a lua brilha,
feito estrela que vigia,
o povo chega em fileira,
pra velar o boi da aldeia.

O amo chora baixinho,
abraçado ao seu destino,
“Perdi o boi mais formoso,
meu amigo mais bondoso.”

No mocambo há movimento,
um murmúrio, um sentimento,
vem caboclo, vem cunhatã,
vem curandeira e o gazumbá.

As cunhatãs trazem flores,
os caboclinhos, seus tambores,
“Chama o padre, chama o doutor,
quem sabe curar essa dor?”

Diz o amo, em desespero,
com o coração inteiro.

Mas no fundo do terreiro,
se escuta um som primeiro,
É o pajé, senhor da vida,
com pintura e fé erguida,
traz cipó, fumaça e canto,
traz do vento o desencanto.

Ele gira, sopra e dança,
no olhar, pura esperança,
bate o maracá com fé,
reza em língua de pajé.

E o povo, em roda sagrada,
faz do canto uma oração.
O boi se move devagar,
abre os olhos a brilhar,
reluzente e renascido,
feito sonho revivido!

“Viva o boi!”, grita o mocambo,
“Viva o amor deste tambo!”

E o terreiro se transforma,
numa festa pura e norma.
Dança o povo, dança a lua,
dansa a vida que continua,
Chico e Catirina, emocionada,
abraça o boi, perdoada.

4 Setor – A rua e a celebração do povo

Lamparinas tremeluzem,
porongas no ar reluzem,
é um mar de luz e canto,
dança o povo, corre o encanto.

Pelas ruas, mil enfeites,
fitas, flores, mil deleites,
caboclinhos se arrumaram,
os vaqueiros se pintaram.

Mulherada de sorriso,
faz quitute e paraíso:
pé de moleque, taperebá,
tarubá e tacacá quentinho.

O aroma voa na estrada,
a várzea toda enfeitada,

o tambor pede passagem,
vem batuque, vem coragem!

O povo cantando
bate palma pro cordel.
a bandeira levantando,
o amor vence a dor,

Lá no céu, estrela guia,
ilumina balões e fogueiras
O povo canta em união,
num só pulso, um coração:

“Viva o boi da redenção,
viva a força do povão!”

A várzea vira encanto e chão,
mistura de fé e emoção,
é festa, é dança, é paixão,
é o **auto da ressurreição!**

5 Setor – A ilha e a magia da festa

Da várzea veio a toada,
do curral, a batucada,
e o povo, em tanta emoção,
fez da rua celebração.

O boi saiu da fazenda,
entrou na vida, na lenda,
o tambor virou chamado,
o canto ecoou encantado.

Nas noites de São João,
entre fogueira e oração,
ergueu-se a fé prometida,
e o boi ganhou nova vida.

Das Marujadas e Irmandades,
vieram fé e saudades,
das Pastorinhas dançantes,
vieram cores e estandartes.

O povo simples da beira,
com sua força verdadeira,
misturou reza e folia,
nasceu a grande magia.

E a ilha, de alma acesa,
se vestiu de realeza,
com bois de fitas e coragem,
desfilando na paisagem.

Surgiram bois encantados:
Garantido, o da promessa,
vermelho, amor que não cessa.
Caprichoso, azul anil,
feito estrela que flutua.

Vieram ainda velhos bois:
Fita Verde, Campineiro,
Galante, Tupi e Corre Campo
nomes vivos, fulgurantes.

E no meio dessa história,
um povo fez sua glória,
a Juventude Alegre Católica
plantou a semente simbólica.

Foi do sonho e da união,
que nasceu a tradição,
o Festival que o mundo vê,
Parintins, boi e fé.

Hoje a arena é terreiro,
é mocambo, é mundo inteiro,
é São João e devoção,
é promessa e coração.

Cada toada é memória,
cada canto é reza e história,
do amor simples do interior,
nasceu o espetáculo maior.

O boi da fé e do riso,
é o espelho do paraíso,
feito arte, alma e chão,
da Amazônia e do coração.

REFERÊNCIAS ÁUDIO VISUAIS

https://www.youtube.com/watch?v=BGBOBWzUDt8&list=RDBGBOBWzUDt8&start_radio=1

https://www.youtube.com/watch?v=-60yCYuLGMw&list=PLr2zuE8UxNpS17725YIAZfA0_rvRRW38e&index=18

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. São Paulo: Livraria Martins, 1928.

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

FESTIVAL DE PARINTINS. **Conheça a origem do Festival de Parintins**. Parintins: Site Oficial do Festival, 2023. Disponível em: <https://www.festivaldeparintins.com.br/conheca-a-origem-do-festival-de-parintins/>. Acesso em: 11 out. 2025.

FREITAS REIS, Marcos Vinicius; PERREIRA, Marcos Paulo Torres. Perspectivismo ameríndio nos discursos mitificados do catolicismo popular na Amazônia. *Diálogos*, v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/53663>. Acesso em: 11 out. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GUIA DO ESTUDANTE. **O que é o Festival de Parintins e o Boi Garantido**. São Paulo: Abril Educação, 2024. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-que-e-festival-de-parintins/>. Acesso em: 11 out. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Jonas; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Boi Campineiro: a história do Festival de Parintins que não foi contada. *Revista Eletrônica Mutações*, v. 4, n. 7, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/546>. Acesso em: 11 out. 2025.

SENA, Djane Silva; PINTO MAISEL, Priscila de Oliveira. Festival de Parintins – a epopeia cabocla e a semiose linguística e cultural. *RELACult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, n. 5, 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1555>. Acesso em: 11 out. 2025.

VEJA. **Festival de Parintins: os fascínios de uma rivalidade centenária**. São Paulo: Editora Abril, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/festival-de-parintins-os-fascinios-de-uma-rivalidade-centenaria/>. Acesso em: 11 out. 2025.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.